

Malan descarta “mudanças bruscas” em janeiro

INDICADORES ECONÔMICOS

Dólar

	compra	venda
Comercial	R\$ 0,8410	R\$ 0,8430
Paralelo	R\$ 0,83	R\$ 0,85
Turismo	R\$ 0,83	R\$ 0,87

Ouro/grama

	compra	venda
	R\$ 10,22	R\$ 10,23

Ibovespa

Alta de 1,72% (48.131 pontos)

BYRJ

Alta de 0,89% (18.108 pontos)

JUROS

CDB prefixado de 30 dias a 49,47% ao ano. **CDB** pós-fixado 121 dias (TR) 18,00%. **CDI**, 5,23%. **Over** a 5,21% ao mês. **Hot Money** a 6,87% ao mês. **Capital de giro** a 69,40% ao ano.

URV

30/06 CR\$ 2.750,00

UPC

Trimestre (Out/Dez) R\$ 8,93

Construção Civil/DF

Novembro/94 R\$ 301,37 (m2)

TR

12/12 2.1539%



Primeiro presidente brasileiro a visitar o BID, Itamar foi elogiado por Iglesias (D) por seu governo

São Paulo — O presidente do Banco Central (BC), Pedro Malan, assegurou ontem que não serão feitas mudanças drásticas na economia, muito menos “pacotes”, seja em janeiro, fevereiro ou março. “Política econômica não se faz com surpresas”, afirmou. A declaração foi feita durante o almoço de posse do presidente reeleito da Associação Brasileira de Bancos Comerciais e Múltiplos (ABBC), Antonio Hermann Menezes de Azevedo, em São Paulo, da qual participaram vários executivos do mercado financeiro. Questionado sobre se falava como futuro ministro, Malan disse que falava como presidente do BC.

Frisando várias vezes que os rumos da política econômica não serão alterados, Malan disse que, ao contrário do que muitos pensaram, ela tem um caráter expansionista, e não recessivo. “O combate à inflação e o crescimento econômico podem ser feitos simultaneamente”. O presidente do BC comentou ainda que o Governo está disposto a flexibilizar as medidas de restrição ao crédito, mas que não pretende marcar nenhuma data para fazer isso.

Com relação à desindexação da economia, Malan deixou claro que estudos nesse sentido continuam sendo feitos, mas salientou que, enquanto a inflação estiver na casa de 30% ao ano, é impossível tomar es-

sa decisão.

Embora um grupo de executivos financeiros avalie que as medidas de restrição ao crédito possam dar início a um processo de fusões e aquisições, reduzindo o número de bancos (atualmente são cerca de 340), nem todos pensam dessa forma. Na opinião do presidente da ABBC, Antonio Hermann, do Banco Itamarati, o mais provável é que o número de bancos aumente. Entre as razões, aponta, pesa a expectativa de crescimento da economia, e com isso o fluxo de dinheiro aumentar.

Segundo o ex-presidente do BC, Wadico Bucchi, na possibilidade de haver um processo de fusões e aquisições entre bancos, este será um processo espontâneo. “Não restam dúvidas de que os bancos ganhavam com a inflação, e houve casos de imprudência, mas com o aumento do crescimento econômico também aumenta a necessidade de quem faça a intermediação financeira”, contou.

Na avaliação de Bucchi, existem grandes chances de, a exemplo do que ocorre nos Estados Unidos, os bancos procurarem nichos de mercado, especializando-se em algumas áreas. “Antes a especialização era dirigida pelo Governo, e agora pode-se escolher o ramo de atuação onde se consegue maiores vantagens competitivas”, completou”. (AE)